



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

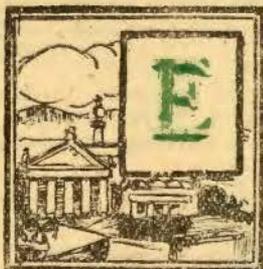
DE SANTA
RITA



O Sonho de Bébé

Por **TAUZINHA**

Desenho de **Castañé**



DILINDO — um Bébé gorducho — dormia... Schiu!... Bébé dorme...

O espirito de Bébé galopa bem longe, bem alto, através do céu azul... Bébé via-se um príncipe como os príncipes das histórias que a avó lhe contava.

Amava uma princezinha galante e linda como as que vivem no paraíso dos santos e anjos... Era tão bonita como a boneca que o Menino Jesus havia dado à Bibi... Tão linda!

O seu corpinho emergia, muito esbelto, do longo vestido de veludo... Bébé falava-lhe e era uma conversa gentil, uma tagarelice sem pedanteria, cousas sérias, cousas superfluas, um pouco de política, como Bébé ouvia ao pai...

Entretanto, o dia da bênção da igreja, aproximava-se, em que Bébé uniria seu destino ao da princezinha linda...

Viviam ambos num sonho, ambicionando o dia em que, sós, viajariam pelo mundo... por todos os países que Bébé havia visto no mapa... Como seria bom!...

Porém o bem é frágil... Uma bruxa, que invejava a felicidade da princezinha, encontrou-a, fazendo-a desaparecer...

Bébé chorou... Ainda que príncipe poderoso, sentia bem que todo o seu poder era nulo para encontrar a princesa e só ela lhe poderia trazer a felicidade...

Bébé sentia-se triste... A recordação da princesa, a sua graça harmoniosa, davam-lhe força para, num rasgo de audácia, a reaver!...

Enquanto assim pensava, apareceu-lhe uma desconhecida... Era uma fada muito boa que, compadecida, lhe ensinava o meio de desencantar a princesa. Bébé sentia-se agora feliz. Partiu imediatamente... Causa singular! O coração batia-lhe muito... muito... Bébé não tinha medo, mas... corria tantos perigos!... Andou, andou muito, até que se aproximou o terrível bosque...

Além... mais uns passos... e teria de matar a bruxa... Bébé pedia, baixinho, protecção à linda fada... O céu



acendeu as suas estrelinhas, tantas, tantas... Bébé viu a cabana... Uma luz pequenina bruxuleava... Entrou... Deu os primeiros passos... De todos os lados apareciam aranhas enormes, viscosas... Bébé quiz avançar, mas precipitaram-se todas sobre a sua cabeça, puxavam-lhe os cabelos e as orelhas! Bébé tremia. Uma aranha entrou-lhe pelo nariz... Sem encontrar forças para lutar, torturado, Bébé acordou. Prontamente inspeccionou a cama, não houvesse alguma aranha... e, esfregando muito os olhos, exclamou:

— «Graças a Deus que não sou príncipe!...»

F I M



Por MANOEL VIEIRA CLARO
DESENHOS DO AUTOR

■ ■ ■ ■ ■



O cow-boy *Tastarrir* era tido e havido como possuidor do melhor coração que poder havia por aqueles ranchos mais próximos e afastados.

Por tal motivo, possuía enorme número de amigos e não mais pequeno número de inimigos. Entre estes contava-se o cow-boy *Cospedalto*, bandido da pior espécie, homem horrendo, com uns cabelos muito grandes, um olho muito pequeno, outro muito grande (era

zarólio), nariz muito pequeno, bigodes muito grandes e dentes... não, dentes não usava. Todo êle eram coisas grandes e pequenas! Um horror!

Mais de uma vez se gabara de que ainda um dia havia de trincar entre as gingivas, o tenrinho coração de *Tastarrir*. Mas tudo isto era garganta.

Ora um dia, resolveu *Tastarrir* fazer 22 anos, pois que o calendário que lhe fôra oferecido pela Companhia Vacuum, (por êle ser possuidor de um fogão de electricidade,) marcava quinta-feira, 14, dum mês que já não me lembra. Por tal motivo e para festejar tão histórica data, começou a convidar, para um baile, todos os seus amigos e amigas, e estas em grande número, pois é bom que se saiba que o nosso herói tinha num palminho de cara muito bem feitiinho.

Só passados sete dias é que o tal dito baile se realizou, devido ao enorme número de convites que houve a fazer.

Via-se ali a melhor sociedade da região, incluindo o Chérif e sua filha, a bela Helena Jasou, que nutria, sem que para tal fôsse nutrida, uma grande simpatia e admiração por *Tastarrir*.

Era já grande a animação pois a água (na America vigora a lei sêca), começava a tornar um tanto leves as cabecinhas daquela malta de convidados, quando, de repente, o Chérif deu por falta da filha!

Desesperado, louco de dôr, pensava já em mandar deitar um anúncio em qualquer jornal, quando o nosso cow-boy *Tastarrir*, surgindo do meio daquela gente toda, gritou:

— Não foi outro senão o bandido *Cospedalto* quem raptou a vossa formosa filha, sr. Chérif, digno representante da auctoridade da minha terra! Mas, antes que aquele canalha, ouse tocar num louro cabelo da loura cabeça de vossa digna filha, juro-vos que lhe hão-de tocar as minhas mãos no lombo! Se algum de vós, vaqueiros, me quizer ajudar, que me siga!

E, num salto, montou no seu cavallo negro *With*, desaparecendo no horizonte, perante os olhares espantados de toda aquela gente.

Caminhando sempre, sem destino algum, entregando-se nas mãos do Acaso, se é que o Acaso tem mãos, e confiando na sua bôa estrêla, que nunca o abandonara nos transes mais arriscados, breve se encontrou cercado de altas montanhas,

— Querido *With*, desconfio que o patife se refugiou

nêstes sítios! Deve estar escondido nalgum pequeno buraco com a sua enorme comitiva. Mas em que sítio? Farejemos um pouco e pode... pode...

Não pôde nada. Qualquer coisa, assobiando no ar uma cantiga, (mas que cantiga) enrolou-se-lhe em volta do pescoço, começando a apertar... a apertar... e atrás! arrumou *Tastarrir* aos tombo, fazendo-o perder os sentidos.

A coisa que assobiara fôra um laço lançado pelo musculoso braço de *Cospedalto* que tinha muita habilidade para aquela brincadeira e que, do alto de um castanheiro da Índia, há muito seguia os passos de *Tastarrir*.

Quando o nosso herói encontrou aquilo que havia perdido, isto é, os sentidos, encontrou-se amarrado de cabeça, tronco e membros a um grôssô tronco de pau de madeira que sustinha o tecto de uma cabana e que era nem mais nem menos do que o Quartel General dos Bandidos.

Na sua frente, viu *Tastarrir* o seu inimigo *Cospedalto*, comendo, bebendo e jogando cartas na companhia de mais três meliantes a quem, ao notar que o nosso amigo (êlê disse-me que era nosso amigo) recuperára o juízo, dirigiu-se-lhe com ar de troça:

— Então, meu pintasilgo, deixaste-te caír na esparrela?! Quem te mandou meter esse narizinho de assobio, onde não era chamado?

— Patife! Se me vejo livre das cordas, até te espatifo! resmungou *Tastarrir* com vontade de chorar.

— Mau! Não vale a pena zangares-te, criança sem juízo! Olha que a pequena não há-de gostar de te ver com essa cara de Judas!

— Canalha! Que terás tu feito daquela inocente criança que os meus fortes pulsos estão impossibilitados de proteger?!

— Coisa alguma, amorzinho! Queres ver?

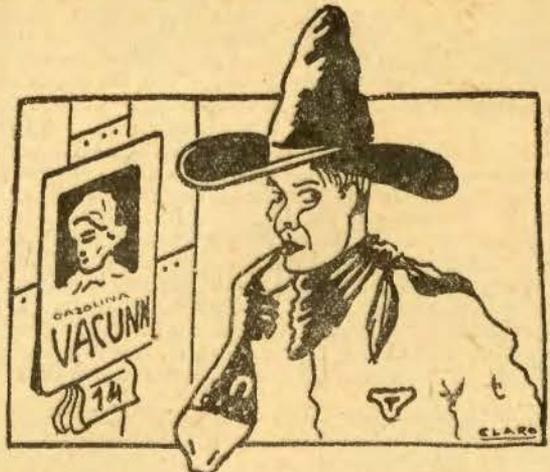
Gatomau, vai buscar a criança para que êste meu amigo veja que aqui não se tratam mal as visitas!

Um dos bandidos, um pele-vermelha, com penas e tudo, levantando-se da tôscá cadeira em que estivera sentado, saíu por uma porta, por onde, passados poucos minutos (uns 60, pouco mais ou menos), tornou a entrar, trazendo na sua frente a filha do Chérif, que, áquelas horas, andava á procura da filha, ou antes, á procura da filha e de *Tastarrir*.

Mal a pequena entrou, soltou um berro de alegria misturada com um pouco de compaixão (que saboroso prato!) que até fez estremecer a barraca.

— *Tastarrir*!...?

Outro berro, ainda mais forte, lhe respondeu, tão forte... tão forte, que os bandidos puxaram dos revólveres, para se defenderem de uma possível derrocada da cabana,



já bastante abalada na sua saúde pelo berro da pequena Helena!

E Helena, desprendendo-se dos robustos braços de *Gatomau*, lançou-se nos de *Tastarrir*

— Salva-me das manâpulas dêstes selvâgens, que senão...

— Senão?...

— Senão fico selvâgem como êles! Tu salvas-me não é verdade, *Tastarrir*?

— Sim! Hei-de salvar-te, nem que, para tal conseguir,

tenha de deixar a pele nas mãos destes patifes ou levar a barraca ás costas!

— Então, veremos quem vence, meu carinha de menina! Rapazes! Levai lá para dentro a pequena!

— Para traz, covardes! Para lhe tocarem no mais pequeno cabelo, têm que passar, primeiro, por cima do meu esqueleto! (Que horrôr!)

— Cala-te, bruto! Não vez que estás preso e que nada poderás fazer contra a minha pessoa?! Vá, rapazes, nada de exitações que aquilo é garganta!

E assim parecia, com efeito, pois que os bandidos não necessitaram de passar por cima dos ossos de *Tastarrir*, para levarem a menina.

— Tu, *Gatomau*, ticas aqui de guarda a este valente rapaz, enquanto eu e os outros vamos dar um pequeno passeio. A pesar-de nada haver a recear, convem dizer-te que, se bater as asas, perdes a vida!

— Nada receio, chefe! Nunca nenhum pássaro conseguiu fazer o ninho atrás das orelhas do *Gatomau*, quanto mais bater as asas na frente do cano do seu revólver que nunca errou um tiro! Pode ir descansado, chefe!

Na cabana, encontram-se, agora, apenas duas pessoas: *Gatomau* e *Tastarrir*.

Este último, a pesar-dos enormes esforços de vontade, que fazia, continuava amarrado, mas notara que qual-quer coisa lhe estava a fazer cócegas nas palmas das mãos! O que seria?

Conseguindo voltar o corpo um pouquinho, viu, com grande espanto seu, que o autor das tais cóceguinhas era, nem mais nem menos, que um grande rato que se tinha entretido a roer-lhe as cordas e que, ao notar que havia sido descoberto na sua obra de destruição por aquele que tentava salvar, lhe deitou uns olhares que *Tastarrir*, inteligente como era, logo traduziu pelo seguinte: — Está quietinho e salvar-te-hei; caso contrário perdes-te a ti e perdes-me a mim, porque, como vês, sou um rato e *Gatomau* não deixará de me dar caça! Tem um pouco de paciência e assim, livrando-te das cordas que te prendem, prego uma boa partida a *Gatomau*!

E *Tastarrir*, dali por diante, nem se mexeu, parecendo ter-se resignado com a sorte que Deus lhe dera, o que levou *Gatomau*, perante a quietude do seu prisioneiro, a descansar um pouco, adormecendo a um canto da cabana.

Mas, pouco dormiu. Passados minutos foi despertado por um violento par de pontapés nos queixos, dados com as biqueiras das botas que *Tastarrir* calçava, e a quem o rato, cumprindo a sua nobre missão, livrara das cordas que o prendiam. Se o sono de *Gatomau* fôra pequeno, o despertar foi mais pequeno ainda, pois que, devindo ás carícias que *Tastarrir* lhe fizera nos queixos, ficou outra vez a dormir, talvez sonhando que era Presidente dos Estados Unidos e mandava abolir a Lei Sêca.

A primeira coisa que o nosso *Tastarrir* fez, logo que

adormeceu *Gatomau*, foi ir libertar Helena, que se encontrava encerrada no compartimento próximo.

Assim que ela viu entrar o cow-boy, atirou-se a êle e deu-lhe tantos, tantos, tantos abraços, que o rapaz quasi sufocou.

— Helena, tem que se aviar! Não podemos perder um minuto; De um momento para o outro, pode voltar *Cospedalto* e os seus e estamos outra vez filados!

Sim, *Tastarrir*! Mas eu estou tão contente, tão alegre por ter sido libertada pelo mais arrojado dos cow-boys, pelo mais simpático rapaz da região de que o meu pai é o Cherif, que lhe peço me deixe que os meus carminados lábios beijem os seus, uma só vez!... Sim?! Deixa?! Sim! Deixo porque a amo, Hele...

Não acabou (mal empregado) porque do lado de fora, chegou-lhe aos ouvidos um ruído de vozes, misturado com o ruído das patas de cavalos. (Outro prato que deve ser saborôso).

— Eles, outra vez! Estamos novamente perdidos! Mas, mil raios me partam aos bocadinhos, se antes que me consigam tocar com aquelas nojentas mãos, não hei-de vender bem caro a minha vida! Helena! Esconda-se debaixo daquela cadeira sem assento, enquanto eu os espero de cara a cara!

E enquanto Helena se escondia, tão bem escondida que seria vista pela primeira pessoa que entrasse, *Tastarrir* agarrou na perna de uma mesa e escondeu-se atrás da porta. Aquelle que tentasse entrar, cairia, infalivelmente, debaixo do cutelo do algoz!

Mal a porta se abriu, *Tastarrir* fez uma cara muito feia, cerrou os olhos e foi a despachar a perna da mesa quando ouviu um grito soltado por Helena:

— Alto, *Tastarrir*!!... Suspende que é meu pai!!... Era realmente o Cherif, acompanhado pelos seus «policias-vaqueiros», que depois de terem prendido o bandido *Cospedalto* e toda a sua quadrilha, vinham libertar *Tastarrir* e Helena.

A filha saltou ao pescoço do pai e *Tastarrir* ao pescoço do seu querido cavallo *Whith*, que vinha no meio dos outros, fazendo a sua pata de cavallo (pé de alféres) a uma linda égua.

— Quem nos valeu foi o teu cavallo que nos soube conduzir até aqui! Nobre animal! Bem o podes abraçar que bem o merece! Rapazes! Viva o cavallo de *Tastarrir*!

— Viva! Viva!!

Quando já haviam passado os primeiros transportes de alegria, por todos se encontrarem sãos e salvos, um dos cow-boys, gritou:

— Rapazes! Cuidado que a terra está a tremer e ouvem-se uns ruídos subterrâneos! Temos terramoto pela certa! A continuar assim, ficaremos sepultados nas ruínas desta... cabana!

(Continua na pagina 7)



O NOSSO CONCURSO DE PANTOMIMAS

Prevenimos os nossos pequeninos leitores de que ficou, irrevogavelmente, encerrado o prazo de entrega de originais para o nosso «**CONCURSO DE PANTOMIMAS**» o qual consideravelmente excedeu a nossa expectativa.

No próximo número publicaremos o nome dos premiados e, possivelmente, a melhor composição.



A CANÇÃO DAS COISAS

POR MARIA BRANCO

Desenhos de A. CASTANÉ



MANHA de Janeiro. O ar sereno, o sol em festa, a natureza em vibrações de renovo...

Um ribeirinho, claro e límpido, corria jubiloso, saltitando de pedrinha em seixinho.

— «Como são transparentes tuas águas» chilreavam-lhe bandos de pardais e pintassilgos.

— «Es doce e fresco regatinho manso» baliavam-lhe as ovelhas de olhar terno.

Manadas de éguas, acompanhadas pelas crias, relinchavam alegremente quando, de tarde, ali vinham matar a sede.

De madrugada, a cotovia entoava-lhe melodiosas canções.

Rapazes da aldeia gargalhavam entusiasmados, atravessando-o a pé-descalço.

Aqui e além, margens fóra, as lavadeiras bemdiziam-no, assim como os felizes camponeses por cujas terras o nosso regatinho passava.

Quantas maravilhosas hortas ele nutria!

Renques de chonpos e salgueiros, afaçavam-no com carícias maternais.

E, jovialmente, caminhava em direcção ao mar...

Já pertinho da foz, quando em noites cândidas, a lua o inundava de luz, o ribeirinho palpitava em emoções de be-

leza e sentia-se feliz quando abraçava, confiante, as ondas fosforescentes.

No oceano imenso, deparava com outros cursos de água, rios caudalosos de vertentes rápidas, regatos sonhadores, rias de longos braços aleijados...

Ora certa vez que o ribeirinho relatava, venturoso, a sua dulcíssima existência a uma vagazinha esverdeada, o mais velho dos rios, interpelou-o arrogante:

— «Calá-te, desgraçado! Pobre de ti! Como és inútil, mesquinho e vão!»

Humilhado o nosso ribeirinho arrepiou caminho e voltou, com a morte na alma, até à aldeia.

As avezinhas logo o extranharam.

Ele, sinceramente, chorou as suas mágoas.

Durante dias, não mais gozou das habituais saudações amigas.

Dir-se-ia, mesmo, que as suas águas faleciam, estagravam...

Entretanto, grandes temporais assolavam a terra. Turbilhões de aguaceiros encharcam o país de lés a lés. Os rios trasbordavam, inundando campos, estragando searas, danificando pastagens, semeando a desolação e a ruína.

Nessa tarde cinzenta, quando o ribeirinho chegou ao oceano, contemplou, com espanto, a maloria dos rios. Desaguavam torvos, com águas barrentas e sujas, acarretando madeiras, troncos de árvores e até cabeças de gado.

— «Como sendo tão úteis, tão superiores, na sua dedicação pelo homem e pela natureza, podiam eles prejudicá-los de tal forma?!?» perguntava ansioso o ribeirinho.

O sol, que do poente espreitara, causando pasmo às gavotas, respondeu-lhe por um raio da sua fulgurante cabeleira luminosa:

— «Não mais invejes os outros, ribeirinho tranquilo.

Todos temos a nossa sorte.

A tua, a-pesar da aparência pequenina, contribue para a harmonia universal.

Porque te alquebraste? Eu sei que te desprezaram.

Deixa-me, no entanto, afirmar-te que não podemos ser tudo. Quem o dera!

Contentêmo-nos em jamais nos tornar prejudiciais, e cumpramos, da melhor vontade, os deveres impostos por Deus.

O rio altivo que te injuriou, é hoje amaldiçoado.

Os animais tiveram que acoitar-se na serra. Campos de pão perderam-se para sempre. Belas pastagens, submergiram, apodrecendo. Quantas árvores amputadas, dilaceradas, pelos redemoinhos cachoantes!

E o «Homem», pensando em Deus, espreita-me taciturno, mudo e desiludido.

A-pesar de não possuíres a extensão, nem as pitorescas inclinações do teu antagonista, soubeste poupar as tuas margens de tanta miséria.

Florinhas singelas, continuam sorrindo-te e os mil insectos e vermes, rumurejam alacres à tua volta.

Deleita-te, pois, sem te orgulhares. Continua dando a tua vida aos outros.

Repara como eu procuro chegara todos. Alumio-te, e banho-me no grande oceano, aquecendo em

meu seio milhares e milhares de vidas frementes. Desde os homens nos seus poderosos paquetes, até aos rudes pescadores, desde as aves marinhas, até aos cardumes de peixes que povóam o mar. Vivifico a mais rústica flôr, a erva mais humilde. As aves e os insectos voltam em meu hábito doirado. Em minhas mãos, possantes, abraço meio mundo. E, contudo, vê lá, não passo de certa estrêla pequenina...

Quantas maiores existem, enormes, imensas na plenitude dos céus, fachos ardentes a alumiar o Paraíso do Senhor».

Jamais o sol lhe falára assim! O ribeirinho enleado sorria já, e, sorrindo, noite fóra, chegou à aldeia natal.

Compreendia, emfim!

Sim, êsses laranjais de frutos de ouro, eram lindos e úteis.

Estas balseiras de chupa-mel, que em Abril perfumavam o ar, não mais serviam do que para embalsamar, durante dias, a mãe-natureza.

E mesmo as boninas, os algeirões e campânulas azuis, que, onde em onde, manchavam de côr os campos além, só viviam a sua curta existência, para embelezar a paisagem nua da primavera.

A sua amiguinha coto-vialimitava-se a encher os ares de maviosas canções.

A todos a Providência dera o seu quinhão de beleza; com todos compartilhara a sua acção de trabalho...

Por isso o nosso ribeirinho, sem nunca ambicionar o impossível, continuou correndo, correndo sempre, esforçando-se, dia a dia, por se tornar mais útil e bemfazejo.

E bem-haja; não é assim, pequeninos?

F I M



UM MILAGRE

Por JAMES BROOK
Desenhos de CASTANÉ



— «Avó, vòzinha, então...
ámanhã, ámanhã, poder-me-hei levantar?!»

— «Ai não, meu filho; por enquanto não,
tens, inda, febre e podes piorar.
Poderias, depois, ter de ficar
na cama, dias... sabe Deus, talvez,
se um mês!
Bem vês
que é melhor esperar
um pouco mais; tem tino!»

— «Mas tu não sabes, Avòzinha, que é
já ámanhã
a festa de Jesus, do Deus-Menino?!
E eu tinha combinado com o Zé
tanta coisa!... Pedirmos à mamã
que nos levasse à missa da noitinha,
para vermos Jesus sôbre a palhinha,
em seu presépio todo iluminado
e que é tão lindo! Assim,
nada verei!! Avó, porque seria
que adoeci e logo neste dia,
nas vésperas do dia festejado?!
Talvés por eu ter feito algum pecado;
mas, juro, Avó, se o fiz foi sem saber!»

— «Não, meu filho, sossega! Estás doente,
por qualquer coisa mas não foi por isso...
Jesus bem sabe vér,
pois tem o dom
de saber quem é mau e quem é bom.
Êle conhece a gente
bem melhor do que nós; não penses nisso!
Calhou, calhou! Mas para o ano, ah sim,
has-de ir, se Deus quizer, todo contente;
e, então, não irás só...»

— «Mas ai, Avó,
porque havia de ser este ano assim?!...»

— *E disse isto com tanto sentimento,
com tão profunda mágoa,
que a Avó sentiu os olhos rasos de água
e na garganta atrás confrangimento.
Com os trémulos braços enlaçou
o pesçoço do neto e, contra o peito,
curvada para o leito,
num grande e amigo abraço o sossegou :)*

— «Não chores mais; então?! Vamos rezar
ao Deus menino para te curar...
Quem sabe se ámanhã já estarás bem!»

— *(Na seguinte manhã, o bom doutor
ver o doente
vem...
Toma-lhe o pulso... Extranha... Vê melhor;
minuciosamente.
Examina-lhe a lingua. Ausculta o peito...
Fica por um instante a meditar,
a pensar, a scismar,
e diz, por fim, alegre e satisfeito :) —*



UMA FITA AMERICANA

(Continuado da pagina 3)

Tastarrir, que como todos os outros, começara por mudar de c6r, acabou por soltar uma sonora gargalhada:

— Não tenham medo, seus medrosos! Não veem que é aquele bruto, com quem tive uma luta renhida (mas que luta) e a quem dei uma esfrega mestra que lhe há-de ficar de memória para o resto dos seus dias, que está a ressonar?! Amarem-no como fizeram aos outros, à cauda dum cavalo, e deixem-se de sustos!...

E quando todos, depois de amarrarem o desgraçado à cauda de um dos cavalos, voltaram à cabana, ficaram de b6ca aberta perante o espectáculo que se lhe deparou: *Tastarrir*, beijava, num beijo que causaria inveja a um artista de cinema, a sua futura esposa e digna filha do digno Cherif da região de Longefica, no Alizona.

Depois de terem fechado as b6cas que ainda se encontravam abertas, o Cherif fechou também a porta, para que os pombinhos não f6sem perturbados pelos olhares curiosos de todos os vaqueiros.

— Eu sempre disse que éle sempre vinha a ser alguém! Olhem que nem todos conseguem a honra do serem genros do Cherif! Mas também éle tem muito juízo, o que não admira pois tem a quem sair!

— Conheci a família toda, não que f6sse muito grande. Só filhos eram 16, dos quais apenas escapou o nosso *Tastarrir*. O resto morreu tudo com 6 tifo! E éste, foi porque teve e tem muito juízo, que senão... Também, foi o único dos filhos que saiu ao pai! Coitado! Bom homem que éle era! Morreu encerrado numa casa de doidos!!...

Os que morreram saíam todos à mãe, que a estas horas, está num asilo de viúvas com 99 anos às costas... Mas... agora reparo... E' quási noite e os dois pombinhos não saem cá para fóra!!... O melhor que temos a fazer, é ir um de v6s, lá a baixo, à povoação, chamar o padre, casam-se aqui mesmo e deixam-se cá ficar! (Ou éles não f6sem americanos). Mas não convem demorar; não vá o rapaz arrepender-se a tempo e pedir o div6rcio antes do casamento.

E assim se fez. Chamou-se o padre; casou-os o padre, e vivem muito felizes (caso raro na América). Tiveram muitos cow-boyzinhos, que foram baptizados pelo padre, e... pronto... Acabou-se a fita.

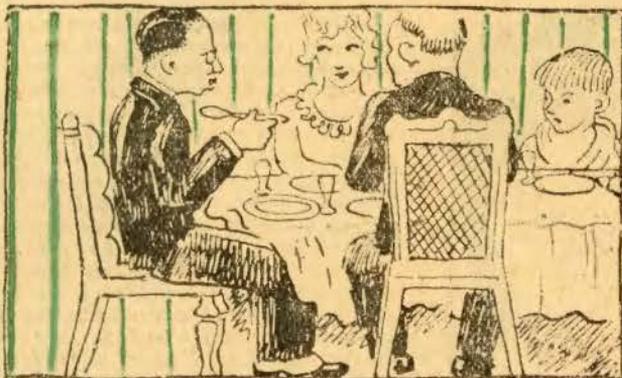
— «Sim, senhor; sim, senhor! Chama-se a isto um milagre de Cristo; ontem a arder em febre e hoje assim... Eu chego a duvidar até de mim! Sim, senhor; sim senhor! Dize-me, então, quem foi êsse doutor que te curou?! Quero-o abraçar, quero apertar-lhe a mão e dar-lhe os parabens.

— (E o bom doutor sorria alegremente, satisfeito; a Av6zinha sorria e, no seu leito, o pequeno sarria... Nisto, apontando um quadro onde se via o Deus Menino no curral e máis Nossa Senhora e S. José — seus pais — e os três Reis-Magos, sob a estranha luz, divina, duma aureola, o pequenito clama quási num grito:

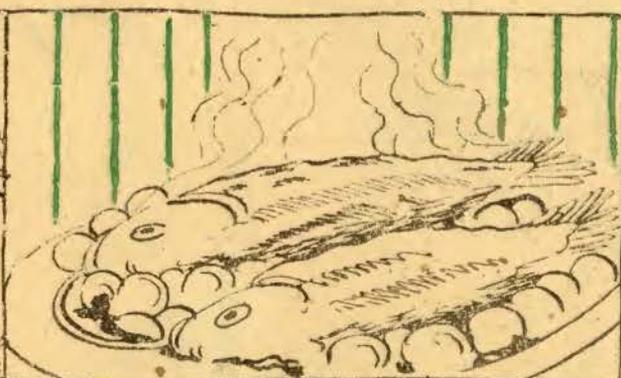
— «Foi Jesus!...



JANTAR DE CERIMÓNIA



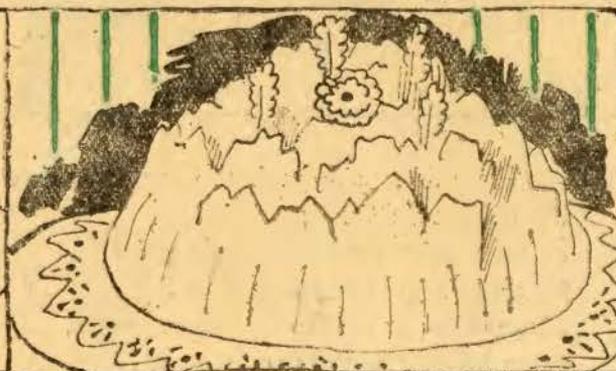
A família do Quim-Quim, convidou para jantar, certo alto titular, nosso ministro em Pequim.



O jantar expressamente pelo pai encomendado num restaurante afamado, é dum «menú» excelente.



Aos olhos do convidado, que diz mil galanerias, vão desfilando iguarias: — pargo... peru recheado...



Ao surgir um bom pudim de creme e todo gelado, diz para o seu convidado o pai do nosso Quim-Quim,

amável e presumido: — «O amigo vai desculpar este modesto jantar, pois não estava prevenido.»



Acendendo um belo «havano» responde-lhe o convidado: — «garanto-lhes ter jantado como nunca, há mais dum ano!»



— «Tem graça, — volve o Quim-Quim, sorrindo ao pai e à mãe: — e eu garanto que também nunca jantámos assim!»